

Imaginário e Imprensa: um jornal, uma colônia e as rupturas do século XIX¹

Por Roseane Arcanjo PINHEIRO²
Universidade Federal do Maranhão, MA

Resumo:

O território português do Grão Pará e Maranhão no século XIX foi estratégico para a coroa portuguesa quanto à ocupação e expansão dos seus domínios no continente americano. Em São Luís, capital desse território, o primeiro jornal, O Conciliador do Maranhão, circulou entre 1821 e 1823. Como esse jornal construiu um imaginário sobre seus movimentos em plena ruptura do pacto colonial, concretizada em 1822? Adotamos principalmente os referenciais teóricos sobre imaginário, técnica e ideologia, a partir das reflexões do professor Juremir Machado da Silva e os apontamentos da pesquisadora Marialva Barbosa a respeito das práticas jornalísticas no Brasil no século XIX. Para a pesquisa, adotou-se o método de estudo de caso e as pesquisas bibliográfica e documental. Foram analisados editoriais, comentários políticos e cartas dos leitores publicadas no jornal.

Palavras-chave: Imaginário; Jornalismo; Maranhão; Século XIX.

1. Poder simbólico e imaginário

A primeira tipografia maranhense de que se tem notícia no território maranhense, Tipografia Nacional Maranhense ou Tipografia Nacional, foi fundada por ordem do governador da província, Bernardo da Silveira Pinto, em outubro de 1821. Frias (2001, p.15) se refere à ação do governo que trocou a forma manuscrita de fazer circular *O Conciliador do Maranhão*, o primeiro jornal maranhense, para imprimi-lo em uma tipografia. A circulação do impresso ocorreu entre abril de 1821 e julho de 1823, somando 210 edições; no entanto, apenas 181 edições estão preservadas atualmente para consulta pública na Biblioteca Benedito Leite, em São Luís-MA.

O jornal *Conciliador do Maranhão*, que circulava duas vezes na semana, tendo de 4 a 8 páginas, não se colocava enquanto um porta-voz do governo local. Em sua identidade visual, não há referências explícitas ao poder governamental ou ao jugo português. A primeira Tipografia Nacional do Maranhão nasceu em um panorama de disputas políticas

¹ Artigo apresentado ao GT História do Jornalismo, do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, que acontece de 2 a 5 de setembro, em Foz do Iguaçu-PR.

² Professora do Curso de Comunicação Social-habilitação Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão - Campus Imperatriz. Doutoranda em Comunicação pela PUC/RS. Email: roseane.ufma@gmail.com

no terreno local e no Brasil (GALVES, 2010, p. 94). Para o pesquisador, é necessário considerar as condições nas quais surgiu o jornal, mantido pelo cofre público e fundado após a Revolução do Porto, em 1820, que mudou os rumos do império português. Para Galves (2010, p. 94), o governador da província, Bernardo da Silveira, lançou mão da imprensa com vistas a ter mais um espaço para manter-se no poder, frente ao caldeirão político que se descortinava e no qual se debatiam portugueses e brasileiros.

Para compreender essas ponderações, é necessário olhar de perto as relações entre Maranhão e Portugal, que a proximidade geográfica, as afinidades do expressivo contingente de lusitanos no território e os interesses comerciais tornavam mais estreitas. É notável que um dirigente, a princípio absolutista por apoiar o regime de D. João VI, aproveitou a liberdade de imprensa para lançar um periódico e defender o constitucionalismo, sobre o qual o monarca português se equilibrava pressionado pelos liberais. Como sinaliza Jorge (2000, p.20), essas contradições históricas desencadearam o surgimento da imprensa no Maranhão: “As relações com a metrópole era grandes, chegando a ignorar as demais províncias e até mesmo o Rio de Janeiro, a sede das Cortes”.

A substituição da escrita pela impressão, sintetizada em *O Conciliador do Maranhão*, dá as pistas para as transformações perpassadas pelas sociedades modernas, como pontua Thompson (1999, p.53). Com o surgimento da imprensa, a organização do poder simbólico, que se concretiza através dos meios de comunicação, igrejas, escolas, universidades e Estado, sofreu mudanças com o surgimento das novas bases, as tribunas impressas, e as novas relações de poder travadas entre as mesmas e as instituições sociais.

Vamos conhecer as características do primeiro jornal impresso maranhense:

Identificação do jornal

Título	O Conciliador do Maranhão
Administração e redação	Typografia Nacional Maranhense
Periodicidade	Bi-semanal
Zona principal de difusão	Maranhão
Tiragem	300 exemplares/por edição
Valor do exemplar	200 reis
Primeiro e último nº	15 de abril de 1821 e 23 de julho de 1823
Formato	Tablóide
Nº páginas	4 a 8
Colunas	2
Diretor	Antônio Marques da Costa Soares

A atividade impressa tornou-se mais uma face do poder simbólico, mais um meio de divulgar idéias e promover o debate público, Briggs e Burke (2004, p.32-33) ponderam

acerca do impacto da impressão gráfica nas sociedades ao argumentarem que essa transformação foi gradual e a imprensa foi catalisadora dos novos panoramas, construídos pelos atores envolvidos, leitores, impressores, autoridades, opositores, porque cada um usou a nova tecnologia a favor dos seus objetivos e aspirações.

O poder simbólico, que entremeia relações sociais e faz circular referências sobre mundo imediato, emerge dos imaginários, esse conjunto de impressões, sensações, ideias, individuais e coletivas, reais ou não que correm no cotidiano. “O imaginário é uma força, um catalisador, uma energia e, ao mesmo tempo, um patrimônio de grupo (tribal), uma fonte comum de sensações, de lembranças, de afetos e de estilos de vida” (SILVA, 2012, p. 10).

Essas experiências, leituras de mundo, intenções e lembranças atravessam as narrativas sobre o cotidiano. O imaginário marca o jornalismo enquanto campo de produção de discursos sobre o presente. E o que é o jornalismo? Como podemos compreendê-lo? “É a complexidade das relações humanas de nosso tempo, mantidas e desenvolvidas pelo conhecimento imediato” (BELTRÃO, 2003). Ao se propor captar o tempo presente, o jornalismo se propõe enquanto instância a gerar entendimentos sobre o entrelaçamento homens e mundo, indivíduos e coletividade.

O homem é movido pelas relações que estabelece socialmente, tem no imaginário esse motor da sua existência, de suas escolhas, que emana do real, torna-se ideal, e transforma o real (SILVA, 2012, p. 12). O jornalismo, essa narrativa sobre o cotidiano, traz as marcações das vozes hegemônicas ou dominadas, dos interesses, das distorções, dos ideais, das contradições e das aspirações desses homens e mulheres, anônimos ou reconhecidos socialmente, imponderados ou não, com poder econômico ou desprovidos dele.

O vivido emana no jornalismo, nesse olhar que tenta captar a movimentação cotidiana. Em *O Conciliador do Maranhão* estão textos sobre as decisões da Corte; notas sobre a movimentação do porto da cidade; anúncios de negros fugidos, de compra e vendas de objetos, como livros, carruagens, chapéus, entre outros; registros de acontecimentos de outras cidades da província; elogios à monarquia e seus representantes; cartas de leitores; editoriais do jornal e notícias do exterior. Uma miscelânea de acontecimentos que traz à tona sujeitos, intenções, conflitos, acomodações e silêncios.

Para realizar a pesquisa adotou-se o estudo caso, já que o objetivo é aprofundar a compreensão das “pegadas” deixadas pelo objeto jornal, compreender de forma crítica e aprofundada a articulação do impresso na conjuntura conturbada do século XIX (GIL,

2009, p. 58). Outra finalidade foi descortinar através das pesquisas bibliográfica e documental os sentidos construídos a partir dos imaginários individual e coletivo vigentes naquelas primeiras décadas, no Maranhão província, a ser atribuída por rupturas políticas e institucionais.

Esses vestígios estão em todos os espaços do impresso maranhense, por essa razão congregamos a análise de editoriais, comentários políticos e cartas de leitores, que circularam entre 1821 a 1823, lugares de fala dos diversos atores sociais que atravessam as linhas e entrelinhas do jornal, onde escapam juízos, concepções e intenções, pelos filtros da política, das práticas jornalísticas e das lutas pelo poder.

2. Técnica e ideologia

O jornal *O Conciliador do Maranhão*, cujo título foi abreviado para *O Conciliador* no número 77, associava suas atividades à mediação entre os poderes vigentes, às ações de um agente capaz de ser o interlocutor entre o povo e o governo. É o que traz o primeiro editorial, de 15 de abril de 1821 na primeira página:

“Eis o fim a que se dirigem o trabalho dos historiadores, porém como estes, ainda mesmo sendo contemporâneos dos fatos, não podem presenciá-los em todos o território da nação (...) carecem documentos mais verídicos do que uma tradição quase sempre suspeita, eis um dos fins dos jornais”³.

No mesmo editorial, segue a cartilha de fé do periódico enfatizando valores relativos à organização jornalística, custeada pelo Governo da Província: “nos propomos a oferecer ao público, neste periódico, os acontecimentos políticos (...) Imparcialidade, verdade e franqueza serão nossos timbres e o amor ao bem público e da boa ordem nossos únicos incentivos” (*O Conciliador do Maranhão*, 15 de abril de 1821, p.1).

Como esse imaginário do jornal construiu um imaginário coletivo, ao compartilhar esses conceitos, autorreferências e representações? “O imaginário social instala-se por contágio” (SILVA, 2012, p. 13). Ao levar duas vezes na semana aos seus assinantes as narrativas sobre a cidade e o poder, o jornal se encarregou de espalhar suas perspectivas, leituras de mundo e interesses, associando sua movimentação ao interesse do governo, do público e da história. Conforme Silva (2012, p. 13), esse “contágio” tem três momentos: os leitores aceitam o modelo, o disseminam e o imitam, três faces da mesma moeda, um

³ A linguagem do jornal foi adaptada aos padrões da língua portuguesa atual para facilitar a compreensão do texto jornalístico.

imaginário que se espraia entre as classes letradas e chega aos ouvidos dos iletrados por comentários e leituras em voz alta.

Esse processo de “contágio” acontece em uma temporalidade diferente, obedecendo ao ritmo das mudanças, do tempo dos anos 1800 e seus personagens. O jornalismo do século XIX não elegia o acontecimento ou cultuava a velocidade, como no século XX. A cobertura do tempo listava os fatos com atraso de dias, semanas ou meses, as notícias eram hierarquizadas, envolviam o acontecimento mais antigo ao mais recente, as narrativas envolviam o passado ao presente.

O mundo no início do século XIX vivia imerso em outra temporalidade O tempo estendido de viagens que duravam meses, de guerras que duravam décadas, de domínio que subjogavam por séculos construíram uma arquitetura temporal de meses e anos submetidos a uma cadência de dias que se sucediam muito mais pelas marcações do tempo da natureza, ao mesmo tempo cíclico e linear e orientado (BARBOSA, 2013, p.48).

O jornalismo de então encarnava o espírito do tempo, das mudanças espaçadas, da demora na construção de novos valores ou representações, que a produção jornalística também ajudava a cristalizar em suas narrativas. A independência foi uma desses temas. Na edição de número 38, do dia 21 de novembro de 1821, após transcrever trecho do jornal *Correio Braziliense*, editado por Hipólito da Costa em Londres, o jornal *O Conciliador do Maranhão* condena as intenções da independência, ao sustentar que a colônia brasileira não estava preparada politicamente para uma nova ordem política.

O jornal *O Conciliador do Maranhão* sustenta no comentário político que a Metrópole estava empenhada em conduzir o território brasileiro rumo aos novos ventos liberalizantes, porém o momento não era próprio para o rompimento dos laços econômicos e a independência: “As Cortes em Portugal, que a princípio não fizeram muito coisa com o Brasil, hoje em dia pensam nele mui seriamente e se mostram dispostas, que é possível, tratar o Brasil com mais cuidado”. Arrependimento e luta política, mudam-se as armas, mas são mantidas as finalidades, o jornal continuou: “Tratava-se de mandar tropas para o Brasil, mas essa medida foi abandonada pelas Cortes, pela bem pensada razão de que não é pela força, mas pela opinião, que deve manter e fortificar a integridade e união de todas as partes da monarquia” (*O Conciliador do Maranhão*, no 38, p.3, 1821).

Seria necessário conter os ânimos políticos ou fazer reconhecer uma outra intenção: manter os laços com o Brasil sem a Coroa perder o poder? Ideologia e imaginário estão entrelaçados, coabitam a mesma casa, o mesmo jornal (SILVA, 2012, p. 20). A ideologia está fincada na tentativa de exercer o poder sobre outras camadas da sociedade, com

anuência dos dominados, convencidos pelo poder de persuasão dos que querem dominar. O dominante constrói uma racionalidade que todos devem seguir. Por sua vez, a construção do imaginário relaciona tecnologia, persuasão, sedução e produção de representações que ajudam os indivíduos ou grupos a erigirem suas trajetórias em sociedade.

O jornal é um dos dispositivos que reúne ideologia e imaginário. O jornal *O Conciliador* em seu primeiro editorial se coloca como um poder a harmonizar as relações sociais, a cumprir um papel histórico, ser documento de seu tempo. Em seus comentários políticos defende que as mudanças políticas devam ser graduais, com a supervisão do poder maior, a Monarquia. Ordenamento, identidade, cautela e deferência, sentidos para seduzir a aderência do leitor. Ao imaginário se mesclam a empatia, a identificação e o entendimento (SILVA, 2012, p. 20).

As marcas da ideologia e as lentes do imaginário no jornal estão coladas às disputas nos gabinetes, aos embates de ideias nas ruas, aos laços de pertencimento, à sobrevivência pessoal ou profissional, ao consenso em família, aos casamentos, à estabilidade econômica e aos arranjos políticos, às narrativas sobre o cotidiano, às tecnologias. Como enfatiza Briggs e Burke (2004, p.33) sobre a relação dos meios de comunicação com outras instâncias de poder:

É necessário ver a mídia como um todo, avaliar todos os diferentes meios de comunicação como interdependentes, tratando-os qual um pacote, um repertório, um sistema, ou o que os franceses chamam de ‘regime’, seja ele autoritário, democrático, burocrático ou capitalista.

O jornal enquanto técnica é neutro? “O controlador descobre-se controlado” (SILVA, 2012, p. 29). Sujeito e objeto, objeto e sujeito. A técnica encampa os sentidos, que dita o uso da técnica. O jornal *Conciliador do Maranhão* influenciou e foi influenciado, trouxe consensos, conflitos, acomodações e contradições. A leitura do impresso esbarrou nas vozes das ruas, se entrelaçou aos interesses pessoais, às disputas pelo poder, às intenções de outros grupos sociais. O vivido e as narrativas sobre o vivido se interpenetraram para dar forma à leitura sobre o mundo, um exercício costumaz dos leitores do primeiro jornal maranhense, que tinha 443 assinantes (GALVES, 2010, p.142).

3. Vozes e cultura

Vozes de alguns leitores do jornal *O Conciliador do Maranhão* estavam impressas na seção de Cartas ou Correspondência, alguns anônimos, outros informam apenas a ocupação, outros se identificavam integralmente. A primeira seção foi publicada no número

08, de 10 de maio de 1821, página 6. Cartas reais ou imaginárias? Não saberemos, mas nelas estão elementos daqueles idos do século XIX e as inquietações da colônia frente às mudanças que se avizinhavam. Constam pedidos de esclarecimentos, elogios ao jornal, comentários sobre questões políticas.

O que as cartas de leitores podem representar em um jornal do começo do século XIX? O que dizem e o que não dizem? Estudar as cartas publicadas em *O Conciliador do Maranhão* é desvelar as nuances que marcam a relação do jornal e seu público, compreender marcações desse diálogo, os contrapontos e as similaridades.

Essas representações surgem da engrenagem do cotidiano, dos sujeitos e seus lugares de fala, com as contradições, interesses e tensões de todo esse processo. No caso de *O Conciliador do Maranhão*, as bases da nova Constituição Portuguesa, decretada em 1821, garantiam “a livre comunicação do pensamento como um dos direitos mais preciosos do homem” (*O Conciliador do Maranhão*, 3 de maio de 1821, p. 01). Como o jornalismo apreende esses aspectos do cotidiano? Enquanto campo de produção de sentido, capta a teia de relações da vida cotidiana.

Embora a maior parte dos leitores com cartas publicadas demonstre alinhamento com as concepções políticas do jornal, percebe-se que parte do burburinho das ruas estava naquelas páginas, a exemplo da carta que segue assinada por “Um amigo da boa ordem” (10 de maio de 1821, número 8, página 6):

Sr. Redator do Conciliador,

Tenho com grande satisfação lido os seus periódicos, e observo que o exímio título que Vossa Mercê lhe deu de Conciliador não podia ser mais bem ponderado e adequado às circunstâncias políticas desde país, onde por desgraça, todos querem ser doutos, merecendo bem poucos este nome (...) propondo-se com o patriótico espírito a conciliar os ânimos e reuni-los ao bem e harmonia da sociedade.

É necessário conciliar? Os “doutores” não eram capazes de resolver os imbróglios pelo poder? É necessário trocá-los por outros mandatários? Os atritos políticos continuavam em outras cartas, as notas dissonantes no campo das disputas vinham à tona nas observações de um leitor, que assina “Curioso Constitucional”, em 22 de dezembro de 1821, edição número 47, página 4: “Não se admirem que faça a seguinte pergunta: Qual deverá ter sido a razão porque a câmara desta cidade não ter feito pública com a precisa formalidade, a respeitável e sábia proclamação que o soberano congresso julgou de tanto interesse dirigir aos habilitantes do Brasil?”.

Essas vozes denotam as lacunas, ânimos exacerbados e críticas à própria estrutura vigente. As cartas são indícios desse contato com o público, que também atende aos seus interesses privados. A recompensa por escravos fugidos era outra temática, a escravidão como negócio e demonstração de poder, como na carta de 28 de agosto de 1822, nº118:

Pela primeira vez tomo a liberdade de incomodar a V... exigindo o obséquio de pelo seu periódico fazer público que fugira desta Villa, há cinco para seus meses um escravo crioulo, baixo, grosso e bem figurado, de idade pouco mais de vinte e cinco anos (...) Rogo por isso publicar esta fuga a fim de que sendo preso, ser entregue (...) favor este pelo qual serei sumamente grato...

Em 1823, o jornal saiu de circulação e foi substituído por uma gazeta do novo governo, a *Gazeta Extraordinária do Governo Provisório*. A primeira folha maranhense circulou por 27 meses, de abril de 1821 a julho de 1823. No nº 210, de 16 de julho do mesmo ano, permaneceram comentários políticos sobre os últimos momentos do periódico com a notícia da adesão à independência:

Pareceu que se deveria adoptar a bem da salvação publica desta Província o meio de uma suspensão d'armas com as Tropas dissidentes (...) Efetuando-se o Conselho julgou-se que pelos expostos princípios devia ser prestada aderência à causa da independência do Brasil, ficando porem provisoriamente conservada a Constituição, que até agora tem regido esta Província. A falta de tempo para se resolverem outros objetos fez adiar o Conselho, para amanhã.

Se “o imaginário é o mundo em movimento” (SILVA, 2012, p. 79), no imaginário da província maranhense na segunda década dos anos de 1800 confluíam as tensões e os interesses em manter ou subverter a autoridade, que ditava a vida social, econômica, política. “O imaginário (...) é a coabitação do diverso no uno, a vida sob a forma do oxímoro” (SILVA, 2012, p.78). Faz coexistirem o público no privado, o particular no coletivo, a ruptura na simetria, a vanguarda no tradicional. Como pontua Marialva Barbosa (2013, p.44), o jornal traz o oral, que abastece o impresso em uma cadência irregular que deságua nos debates públicos, nas conversas privadas, nas decisões políticas, nos confrontos internos e externos.

O mundo das práticas orais, das falas que se ampliavam pelas conversas nas ruas e praças migrava com frequência para o periódico, mostrando, mais uma vez, que nos sistemas de comunicação do início do século XIX pouca separação havia entre o mundo da voz e o das letras impressas.

No jornal, enquanto tecnologia, transitam as representações, além da cultura do jornalismo. No século XIX temos um jornalismo embrionário, com uma temporalidade diferente, com formas singulares de captar os movimentos do cotidiano. Nessas práticas jornalísticas está a cultura e o imaginário. A cultura enquanto campo denso das representações abarca o imaginário, que se instaura com os hábitos, manifestações e perspectivas a partir do vivido e da compreensão do cotidiano.

O conceito de cultura há três séculos surgiu bem distanciado do que nos propomos hoje a entender. Até o século XVIII, cultura indicava uma ação, uma atividade, longe de um processo social, gerado por esforço intelectual. A palavra cultura paulatinamente começou a ser associada a valores e folclore das nações, já quando se avizinhava a Revolução Industrial (CEVASCO, 2003, p.10). Na passagem de um mundo rural para um mundo urbanizado, a cultura ganha outros contornos, “aculturar” tornou-se “civilizar”, de ato de camponeses para plantar e colher, recebeu o sentido de processo, envolvendo idéias, instituições e convenções. O significado de cultura associou-se a comandar e dominar, ou seja, a transformações sociais, políticas e históricas.

A palavra cultura nos incomoda. Da matriz da palavra, temos os significados cultivar, habilitar ou adorar. Entretanto, pode nos remeter ainda para palavras como cisão, diferença, contradição, política e economia. As transformações sociais e culturais se dariam a partir de três formas de estruturação dos significados: a dominante, a emergente e a residual (CEVASCO, 2003, p.126). Essas três formas coexistiriam e se interpenetrariam nas sociedades contemporâneas, onde as formas de resistência organizadas ou não, formais ou não, coletivas e pessoais, convivem com os projetos hegemônicos.

E o que mais faz um jornal no século XIX em sua fase rudimentar, impregnado de opinião e panfletagem? É uma tecnologia a abraçar o imaginário ao articular sedução, controle e adesão por meio de suas narrativas sobre o vivido, ao produzir sentidos e referendar leituras hegemônicas ou de resistência sobre a sociedade do seu tempo.

4. Considerações finais

Não é possível estudar a criação das tipografias na colônia no século XIX e o nascimento dos jornais na província do Maranhão sem descolarmos essas questões do complexo encadeamento de questões culturais, políticas, ideológicas e econômicas. Os grupos sociais vão estabelecer novas sociabilidades, demarcando ideias, lembranças,

sensações, valores, adesões, vivências e memórias, ora estreitando os laços entre si, ora afrouxando-os, de acordo com o uso que fazem da mídia impressa.

O jornal *O Conciliador do Maranhão* se transformou no primeiro documento da história da imprensa maranhense, do seu jornalismo e das práticas culturais daquela sociedade, além de se tornar referência sobre as mudanças políticas ocorridas no território e no Brasil. Cumpriu com seu papel, inaugurou o jornalismo em São Luís, ainda embrionário, ao mapear os registros diários e ao defender uma bandeira política, sina dos jornais da sua época histórica e dos que viriam depois, com a mesma postura, porém em outros tempos e sob outros referenciais.

O jornal *O Conciliador do Maranhão*, nascido no rastro da liberdade de prelo, do liberalismo e às portas da emancipação do Brasil, tinha sua causa, o domínio português. Em suas páginas emergiu o imaginário do seu tempo, que se entremeia às leituras do jornal sobre o cotidiano da cidade. O fato de reunir pontos de vistas, leituras de mundo e juízos sinalizou que o imaginário de sua época deixou marcas nas linhas e entrelinhas do jornal.

Podemos afirmar que *O Conciliador do Maranhão* contribuiu para a sociedade de sua época ao noticiar os principais acontecimentos e emitir sua opinião, ao propiciar espaço para as idéias debatidas nas Cortes, ao publicar cartas de leitores, fornecer serviços, publicar de anúncios sobre o comércio e dispor os atos burocráticos.

O primeiro jornal da província maranhense colaborou para o debate público ao fomentar a troca de ideias nas ruas de São Luís do século XIX, ao construir narrativas sobre o cotidiano, ao instigar o imaginário dos anos de 1800 e potencializar seus discursos. Se transformou em arena de uma atividade complexa, mutável, dinâmica e influenciada pelas contingências sociais, culturais, políticas e econômicas.

Foi um jornal que disseminou a cultura e as relações de poder de sua época. A cultura não é uma instância marginal, é repositório de interpretações e significados, colado às conversas nas ruas, aos embates políticos e aos conflitos sociais. *O Conciliador do Maranhão* foi influenciado por grupos, indivíduos e leituras de mundo e também fortificou o imaginário da cidade, ao elaborar mensagens jornalísticas e captar o vivido, expresso nas sociabilidades, nas relações, nas trocas e nas disputas.

5. Referências bibliográficas

- BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BELTRÃO, Luís. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre os estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- FRIAS, J.M.C. **Memória sobre a tipografia maranhense**. São Paulo: Siciliano, 2001.
- GALVES, Marcelo Cheche. **Ao público sincero e imparcial: imprensa e independência no Maranhão (1821 - 1826)**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2010.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1995.
- JORGE, Sebastião. **Política movida a paixão: o jornalismo polêmico de Odorico Mendes**. São Luís: Departamento de Comunicação Social/UFMA, 2000.
- SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulinas, 2012.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.